



PIRATE

| EDIÇÃO DE ESTREIA |



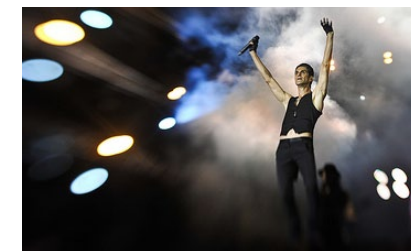


#1



UM DIA NO LOLLAPALOOZA

Hélio Weirido



OS POETAS E OS CEGOS

Fernando Rinaldi



A LEGITIMIDADE FOTOGRÁFICA

Lucas Feat



NINGUÉM É INOCENTE NA CIDADE CINZA

Andressa Marques da Silva



UM DIA NO

LLOLAPALOOZA

POR HÉLIO WEIRDO
FOTOS
CAMBRIA HARKEY
EDU LOPES
CHRIS VON AMELN

Da etimologia, Lollapalooza retirou a diferença, a não-usualidade. Um festival que costuma reunir cerca de 160 mil pessoas pelas terras da – então auto-entitulada – América. E essa celebração resolveu dar as caras no Brasil. Dois dias de deleite musical para todo e qualquer (bom) gosto. De sal e de doce. Rock moderno, rock clássico, influências jamaicanas, hip-hop, música eletrônica, enfim: sem limites.

Dos dois dias de festival, é provável que muitos tenham absorvido apenas sensações, sem muita atenção à experiência em si. Passei por lá no final de semana de 7 e 8 de abril e não há arrependimentos. Uma jornada impagável.

Bandas aclamadas como Foo Fighters e Arctic Monkeys, os “cabeças do festival”, fizeram apresentações interessantes e envolventes. Mas o destaque devido, vai àquelas apresentações das quais pode-se tirar uma nova e “não-usual” experiência, à qual nos remete a etimologia.

Definitivamente, a apresentação dos ingleses do Friendly Fires, foi surpreendente. Desde o vocalista perdido entre reboladas tribais acompanhadas de letras totalmente modernas, ao baterista usando duas baterias e uma CDJ, a apresentação foi totalmente perfeita e memorável. A número um, em minha humilde opinião – que não é compartilhada pelo público que votou em massa em Gogol Bordello (o folk nada surpreendente).

Outro destaque merecido traz o Foster the People. Uma banda pouco conhecida até o começo do ano passado, acabou conquistando destaque para merecer um lugar no palco principal do evento e não trouxe nenhuma gota de decepção: tudo perfeitamente executado. O que surpreende na música instrumental de hoje, é a facilidade dos instrumentistas na manipulação de diversos tipos de equipamentos simultaneamente, sem falhas perceptíveis e nada a dever.

Mas o Lollapalooza trouxe mais. O RAP de Tinie Tempa conquistou até os

mais puristas. Muita improvisação e um show de novidades. A apresentação do fenômeno Skrillex, que abocanhara três Grammys, surpreendeu na disputa de horários e abarrotou a tenda com jovens batedores de cabeça e curiosos. A performática Peaches e suas personal strippers também deixaram boa impressão. Para quem ouviu um pouco de tudo, agradou-se com um pouco de muitos.

Os brasileiros vieram representados por nomes relevantes como Killer on the Dancefloor, Racionais e O Rappa. Quase nenhuma decepção com os brasileiros, à exceção dos Racionais que atrasaram o show por não se contentarem com o pouco público ou com a – alegada – falta de potência no som.

Da clássica Janes Addiction – do idealizador do primeiro Lolla – à absoluta Joan Jett, a chuva que se sentia cair no Jockey Club de SP no último dia irrigava diferenças musicais em forma de frequências sonoras agradáveis. Uma viagem inquestionável ao mundo da música mundial em todas as texturas.

As sensações deram lugar à experiência, que trouxe, definitivamente a quem passou por lá, satisfação por fazer parte de uma sequência de noites em que se pode experimentar a vanguarda sonora em um ambiente recheado de público de todos os tipos, num país que conquistou o lugar cativo no coração da música e dos seus intérpretes. Ponto para o Brasil que está muito acima de quinta potência musical, quando o assunto é ser atrativo para o mundo sonoro.



“Saiba que os poetas

como os cegos podem ver na escuridão” canta Chico Buarque em um de seus mais célebres versos, na música Choro Bandido, composta em parceria com Edu Lobo. É deveras fascinante pensar que existam, na nossa música popular, canções como essa, que têm a capacidade de levantar grandes questões da nossa existência. Nesta brevíssima análise, tomar-se-á esse verso como independente da música e até mesmo do resto da letra para que se possa elaborar um comentário sucinto a seu res-

peito, sem entrar no mérito de como a frase se encaixa na música e de quais significados a letra assume como um todo. Vemos, assim, em primeiro lugar, que Chico Buarque faz uma comparação entre os poetas e cegos, comparação que se dá pela capacidade que ambos têm de “enxergar” na escuridão, sendo que, em relação aos poetas, a escuridão é obviamente tratada no sentido conotativo. Os cegos podem “ver” na escuridão porque, já que não possuem o sentido da visão, eles levam

vantagem no escuro em comparação às pessoas de visão normal. Supõe-se, deste modo, que eles estejam mais adaptados a esse meio. Em outras palavras: tudo o que os rodeia é escuridão e, portanto, não faz diferença estar no escuro propriamente dito; os outros sentidos foram apurados para que eles consigam “enxergar” mesmo sem o sentido da visão.

Mas a qual escuridão se refere Chico Buarque ao tratar dos poetas? Muito difícil saber, mas podemos tentar imaginar alguma explicação coerente.

Para isso, podemos recorrer a um pouco do pensamento de Martin Heidegger. De acordo com esse filósofo alemão, vivemos em uma abertura temporal finita e

míope – o tempo onde se dá a existência –, cujo horizonte é o recorte a partir do qual as coisas nos aparecem. Para além desse horizonte existe aq-

**Ele dizia
ainda que, a
partir do
momento
em que
ficamos dentro
do mundo,
ficamos fora
de nós**

uilo que não se mostra, que, apesar de sabermos que existe, não sabemos do que se trata. Além disso, tudo dentro dessa abertura articula um sentido, mesmo que não pos-

samos reconhecê-lo prontamente. Ele dizia ainda que, a partir do momento em que ficamos dentro do mundo, ficamos fora de nós, isto é, nas ocupações cotidianas o ser se esquece de si mesmo e todas as coisas desaparecem. Já o que ele chama de “não-cotidiano” é marcado pela angústia ou pelo contato com o “não-ser”, que se dá pela sensibilização em relação à nossa própria morte ou pela experiência da verdade, do desvelamento. Parte-se do princípio que a palavra em grego para verdade é *alétheia*, que quer dizer literalmente não-ocultação ou não-esquecimento.

O que nos interessa aqui é que Heidegger propõe uma via autên-

tica para o problema do ser por meio da arte e, principalmente, da poesia. Para ele, na arte acontece a verdade em obra, pois lá aparece momentaneamente aquilo que se ausenta. O artista desarticula um sentido, tornando porosos os limites da abertura, expondo-se ao oculto e, por fim, articulando um novo sentido. Pensando dessa forma, o discurso poético difere das outras formas de pensamento, marcadas pelo cálculo e esquematização racionais de conceitos já dados, uma vez que o poeta tem a capacidade de pensar o ser em suas múltiplas manifestações. Nesse sentido, eles (os poetas) nos ensinariam como ver um pouco da escuridão que eles vivenciam e, conseqüentemente, seria graças a sua poesia que poderíamos enfim experimentar o ser esquecido no cotidiano.

Eis, então, a forma como a arte se mostra para nós: uma sensibilização por meio da qual algo se ilumina; uma desarticulação dos nossos sentidos já preestabelecidos e o advento de uma nova perspectiva para olhar a existência; uma possível salvação contra a pobreza do nosso pensamento

e, por conseguinte, contra a tentativa de controle das nossas ideias. Os poetas, por possuírem uma relação essencial com a linguagem, enxergam nessa escuridão existencial dos nossos tempos, e trazem o ser à palavra. Platão já nos alertava, em sua alegoria da caverna do livro A República, sobre o poder que a imagem exercia sobre os homens. Vivemos hoje numa era de um culto extremo à imagem, e talvez por isso nunca tenhamos estado em tamanho breu.

Em outros versos da mesma música, Chico canta: “Mesmo miseráveis os poetas/ Os seus versos serão bons/ Mesmo porque as notas eram surdas quando um deus sonso e ladrão/ Fez das tripas a primeira lira/ Que animou todos os sons”. Não deixemos esse som terminar. Deixemo-nos atingir pelas palavras da canção. Pois saibam que Chico Buarque é um dos maiores cegos do Brasil.

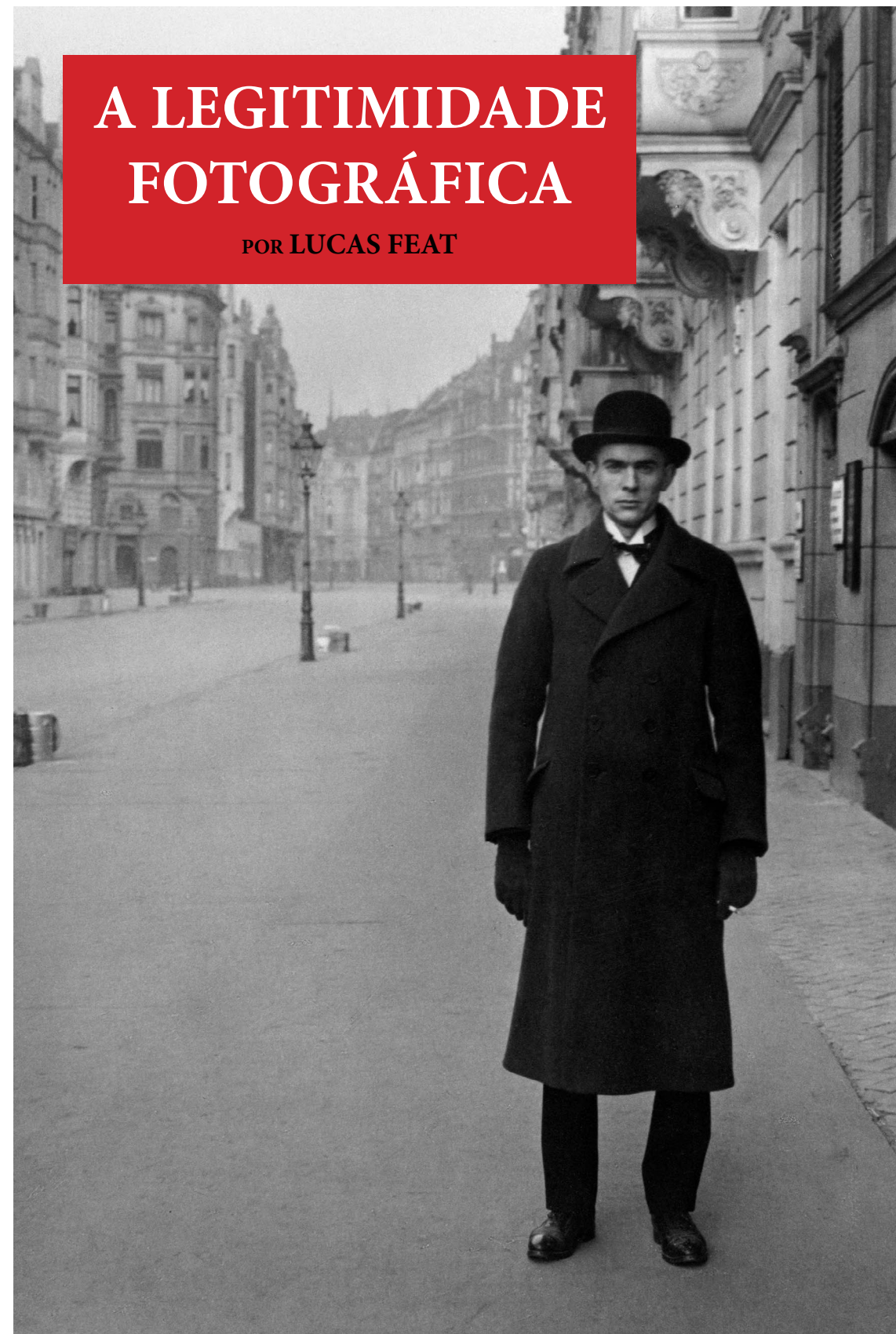
.....

Fernando Rinaldi é escritor.

Em 2010 publicou o romance Quadrilha, pela Arte Pau Brasil

A LEGITIMIDADE FOTOGRÁFICA

POR LUCAS FEAT





Sebastião Salgado |

Em uma época

que todos nós vivemos soterrados por imagens muitas vezes irrelevantes, como filtrar, ou melhor, como julgar o caráter artístico ou jornalístico de cada uma delas?

Publicada em 1982, numa época de ruptura e transformação política e cultural na França socialista de François Mitterrand, a coleção PhotoPoche, foi criada pelo editor Robert Delpeire, e hoje é considerada a maior e mais completa compilação fotográfica do mundo. Inicialmente concebida pelo *Centre National de la Photographie* - órgão vinculado ao Ministério da Cultura francês - como uma introdução à arte fotográfica e incentivo à difusão da fotografia de expressão, cuja singularidade se dá por uma afirmação

estética e alto valor artístico, a edição ajudou a formar a cultura visual de leitores por sete países onde foi publicada desde a primeira edição, assegurando gradualmente uma legitimação fotográfica no campo das artes.

Se por um lado, atualmente, a fotografia possui reconhecimento artístico ao lado de outras artes visuais, como a pintura e a escultura por exemplo, possuindo mostras diversificadas em museus e galerias de arte mundo a fora, isso se concentra em um longo período de questionamentos e reflexões que duraram décadas, relativas à natureza e à utilidade da fotografia, desde sua concepção, no século XVIII de Niepce e Daguerre.



Henry Cartier-Bresson |

// COLEÇÃO PHOTO POCHE

vendidos separadamente ou em box contendo os cinco primeiros volumes: Henri Cartier-Bresson, Man Ray, Sebastião Salgado, Elliott Erwitt e Helmut Newton



A autonomia da fotografia como arte, e os processos que a levaram ao status legítimo de expressão artística, contrariaram muitas pessoas ligadas a intelectualidade contemporânea. Pierre Bourdier, nos anos 1960, classificou a fotografia como subalterna à literatura e as artes plásticas, classificando-a como “arte mediana”.

A coleção PhotoPoche revela, em cada edição, lendo prefácios, posfácios e imagens, um questionamento central sobre as relações entre fotografia e arte ¹ além da transgressão como perspectiva. Os volumes trouxeram para o mundo de hoje, soterrado de imagens irrelevantes e desnecessárias, além de sua ideia original, mais do que uma simples apreciação e futura legitimação da fotografia; uma espécie de “ritual iniciático” aos leitores, para uma profunda apresentação e difusão de arte, com seus domínios específicos, códigos

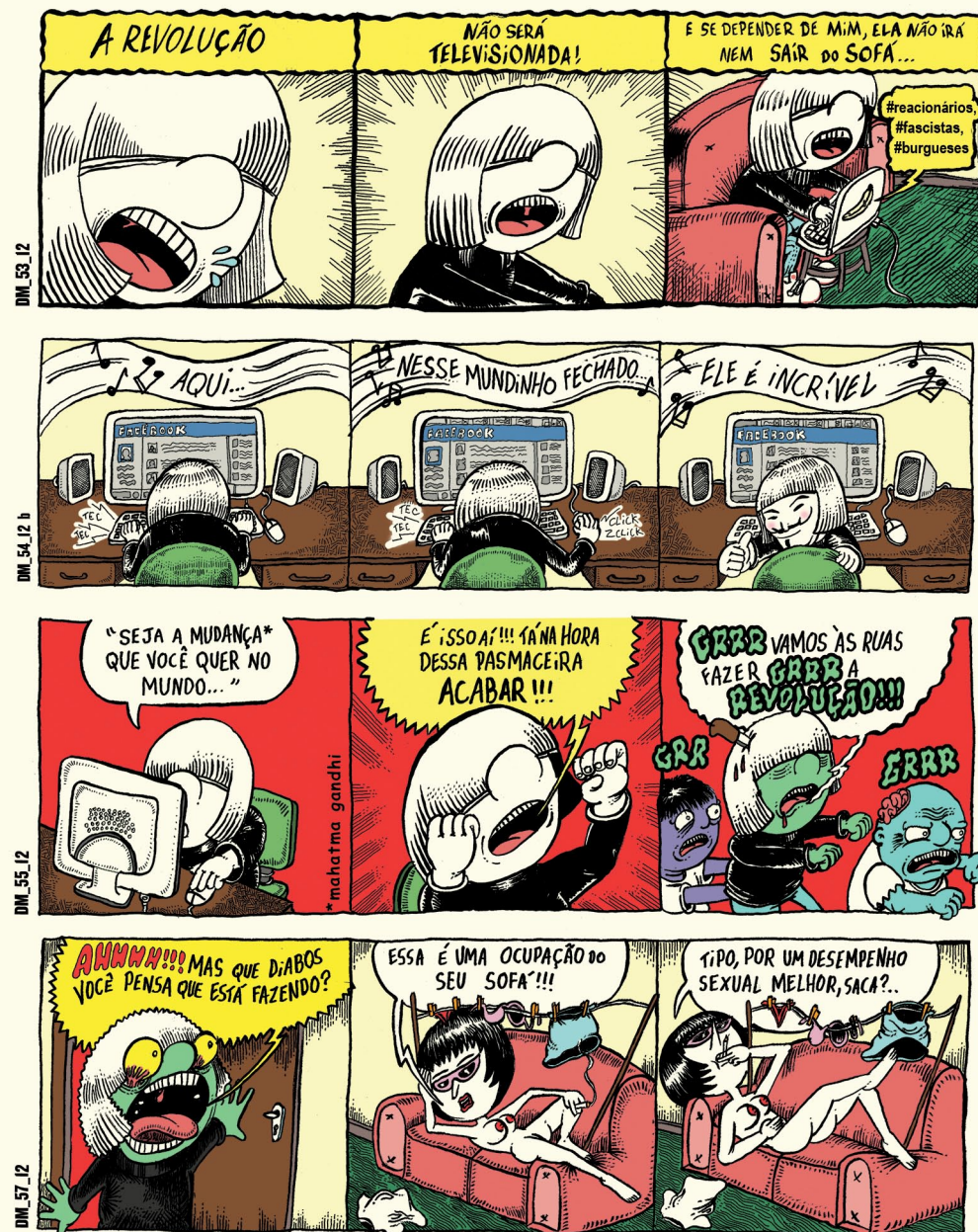
estéticos e campos de aplicação; além da sedimentação gráfica de uma nova linguagem artística que se abriria, amparado pelo desenvolvimento político francês (especialmente Mitterrand, devido suas aspirações revolucionárias de Maio de 1968, que restringia a hierarquia das artes tradicionais e já reconhecidas, abrindo caminho à fotografia). A abertura política, e dentro dela a concepção de *PhotoPoche* - um símbolo visual máximo desta quebra - foi o cerne da ruptura cultural francesa do século XX, tragada pela *haute culture* e pelas *beaux arts*.

¹ André Jammes, na edição dedicada ao fotógrafo Félix Nadar, apresenta a obra por meio de uma discussão sobre arte e fotografia no século XIX, dando ênfase em seus retratos, a sociedade em qual viveu e a crítica do poeta Charles Baudelaire sobre estatuto da técnica (PHOTO POCHE, 1982a, p.7).

.....
 Lucas Feat é escritor.
 Este texto foi publicado originalmente no blog da Cosac Naify

Duda & Madernettes em TAMBÉM VOU RECLAMAR

texto e arte por Pietro Luigi



NINGUÉM É INOCENTE NA CIDADE CINZA

por Andressa Marques da Silva

A Literatura Marginal

é um movimento que ganha força a cada dia e arromba as portas do cânone sem pedir licença. O escritor Ferréz problematiza essa questão na obra “Literatura Marginal”, por ele organizada, ali o autor reúne poesias, contos e ensaios de expoentes do movimento Hip Hop. No texto “Terrorismo Literário” que abre a obra, temos uma amostra da tensão que a produção da literatura marginal ocasiona. Ferréz diz que a Literatura produzida na e por pessoas da periferia veio para arrombar a porta guardiã da literatura com “L” maiúsculo: “Cala a boca, cala a boca, negro e pobre aqui

não tem vez! Cala a boca! Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/ feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita com carvão, a regra é só uma, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto”¹.

Ferréz aqui protagoniza a principal luta abordada por Foucault tantas vezes a sua obra, a luta pelo discurso, nas palavras do último: “o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que –

isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”². Percebendo o rap como o discurso literário que com mais força propaga as vozes periféricas para toda a cidade, ofertando a essa uma nova constituição de personagens, escolhi aproximar as obras *Ninguém é Inocente em São Paulo*, do escritor Ferréz e *As crônicas da cidade cinza*, álbum do rapper paulistano Rodrigo Ogi que dialogam fortemente entre si.

Ferréz escreve na “Bula” de seu livro *Ninguém é inocente em São Paulo*: “eternos amigos que continuam a me contar suas histórias, que sempre estão ao meu lado”. No mesmo tom, Ogi, citando Plínio Marcos, finaliza suas *Crônicas da Cidade Cinza*: “Eu conto histórias. Histórias que eu vi com esses olhos que a terra há de comer um dia, ou histórias que eu ouvi, no buxixo das curriolas”. Narrativas que têm como pano de fundo a São Paulo sem amor para uns e que imprime dile-

mas cotidianos em seus habitantes. São muitas as personagens criadas pelos dois artistas: o motoboy que precisa ser safo para dar conta de seu trabalho tão arriscado, o tiozinho dono do bar que não aguenta mais os boyzinhos da faculdade falando em revolução, o PM que pode não voltar para sua casa depois de um dia de trabalho, o cachorrinho pensante que muda de um prédio luxuoso para morar na favela junto com seu novo dono escritor, o safo malandro que encara toda a gangue do Zé Medalha sem fugir da briga, o cara que paga um lanche no Habib's para dois meninos moradores de rua que não podiam nem comer e nem brincar no barco viking do estabelecimento, o cidadão que se vê como concorrente de si dentro em uma corrida de ratos cheio de carnês pra pagar e uma família pra sustentar, o grupo de rap que é entrevistado por um jornalista que tem pânico da periferia, o bandido que tem a premonição que naquela noite a missão seria fracassada e desiste da investida, o repositor de estoque humilhado por seu chefe, além

de muitas outras vozes que contemplam o universo periférico e que agora adentram ao mundo literário como protagonistas.

O álbum do Rodrigo Ogi e suas imagens velozes por ele ali reunidas nos transpõem prontamente para um cenário cinematográfico. As crônicas rap do Ogi e os contos de Ferréz dialogam visceralmente, cada uma em seu veículo, mas ambas com a tarefa de representar a multiplicidade de vidas engolidas pela imensidão cinzenta, mas que articulam suas possibilidades em meio ao caótico. Alessandro Buzo, em Hip Hop: dentro do movimento (2010), diz que sua produção integra o quinto elemento do hip hop, o conhecimento, este que reúne a produção de livros e filmes. As diversas manifestações desse

movimento são cada vez mais simbióticas (por exemplo, a capa dessa mixtape de Ogi trás uma arte dos irmãos grafiteiros Os Gêmeos) e são essas aproximações que está fortemente na literatura escrita e a

ambos possuem a tarefa de representar a multiplicidade de vidas engolidas pela imensidão cinzenta

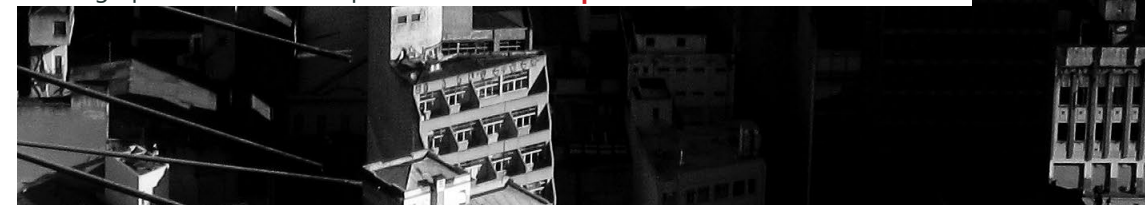
cantada dos artistas. O primeiro conto de Ferréz “Fábrica de fazer vilão” nos arranca imediatamente do comodismo, trata-se de um episódio em que a violência policial é levada ao extremo e toda uma família negra é humilhada. O conto narrado em

primeira pessoa tem como sujeito de enunciação um rapper acusado de ser vagabundo por parte dos policiais que invadem sua casa, ao que ele que responde: “sou trabalhador”.

Essa frase guarda consigo a dignidade de toda uma classe economicamente desfavorecida e atua como mote e ordem do dia das várias personagens das duas obras. Neste conto de Ferréz, os policiais ameaçam atirar na casa daquela família, mas não efetivam o assassinato, os tiros foram para o alto, a diversão deles ali era instaurar o medo. Já a faixa 10 do álbum de Ogi, “Noite fria”, narra uma cena na qual a personagem, não por acaso, é ouvinte do rapper Sabotage e sai com parceiros na madrugada em busca do “corre” da noite e acaba se deparando com a polícia que o espanca e



São Paulo, 2010 | a capital paulista é constantemente retratada tanto no rap de Ogi quanto na literatura periférica de Ferréz | Foto: Lucas Feat



depois o mata. As histórias do cotidiano não só de São Paulo, mas de todo um país marcado pelo racismo da polícia que se esconde atrás dos “autos de resistência” são denunciados e problematizados por eles.

O meio do caminho do rapaz que é trabalhador, mas se vê engessado pelo desemprego é tema da faixa “A vaga”, de Ogi. A narrativa conta o dia de um jovem que se vê diante de portas constantemente fechadas e que enfrenta a vontade de fazer o jogo virar repentinamente, do jeito que der pra fazer isso ocorrer. Ele pensa em roubar o iphone da “minazinha que moscou”, mas sua consciência, com voz do rapper Mano Brown, grita: “a vaga tá lá esperando você”. O alerta, acerca da vaga indesejada, dado no diário do ex-detento Jocenir se contrapõe a tão almejada vaga de emprego que é o anseio presente no conto “No vaga”, de Ferréz. As histórias de dois amigos desempregados e suas esperanças compõem o enredo desse conto. Ambos reclamam da dificuldade de serem fichados em algum emprego, e

diante do entrave, aceitar cair conscientemente na lorota das empreitas duvidosas é a saída vislumbrada pelos mesmos. Antes ser contratado investindo seu próprio e pouco dinheiro no negócio, do que não ser contratado de forma alguma. O narrador da música encontra sua vaga de limpador de candela-bro, os jovens de Ferréz topam vender três planos dentários para, então, serem contratados e assim, forjando resistências, esses jovens arquitetam vagas para as corajosas vidas encaradoras do concreto armado.

A faixa “Os tempos mudam”, parceria de Ogi com a Lurdez da Luz enuncia mudanças significativas no cenário social. Os dois cantam no refrão que os tempos já não são mais os mesmos e avisam: “se prepare, pois seu mundo também vai mudar”. Insistir em machismos, preconceitos, misoginias e afins é tolice, os tempos mudarão para todos e essa já é a realidade de muitas mulheres (esperança e luta diária). No conto “O plano”, Ferréz faz uma breve descrição de uma mulher da periferia dizendo

que a mesma está em pé no ônibus lotado, mais de meia noite, com cadernos no braço e conclui que achar como aquela em outro lugar é quase impossível. Somos múltiplas em muitos espaços e encontrar representações que fogem do lugar comum para a mulher periférica é de extrema importância. Eles contemplam (ainda que isso precise aumentar quantitativamente) as vozes dissonantes femininas em suas narrativas, seja na representação de uma que atua como chefe de família e tem seu marido em casa cuidando dos afazeres domésticos (o que traz para a pauta do rap a troca dos papéis socialmente construídos para os gêneros), seja na guerreira solitária que enfrenta jornada tripla de trabalho fora, estudo e afazeres domésticos para dar conta de sua sobrevivência nas cidades cinzas.

A narrativa que conta a trajetória de um retirante nordestino comunica diretamente com a vida de tantas famílias, trata-se da faixa “Eu tive um sonho” na qual Ogi canta, com sotaque, a saga de um senhor que concretizou sonhos em

meio ao terreno cinza. Essa narrativa se entrecruza com a do pai do próprio Ferréz que recebe sua carta no conto “Assunto de Família”: “Sabe, Pai, o senhor deve estar jogando dominó ou baralho em algum barzinho, num canto de algum gueto, é o seu jeito, né não?”. São muitas as conversas entre essas obras, aproximações, diálogos, construções de novos cenários, vozes dissonantes, representações múltiplas de vidas são matérias desses artistas que imprimem em suas criações as angústias e também levezas de uma cidade intrigante. Tudo isso sedimentando, cada um em sua especialidade, uma forma de contar menos excludente e mais rica diante das diversas facetas das muitas verdades e mentiras também. Quem ainda não leu Ferréz ou ouviu Rodrigo Ogi que faça isso, pois, ninguém é inocente na cidade cinza.

¹ Ferréz, *Literatura Marginal* (2009)

² Foucault

.....
Andressa Marques da Silva é
mestranda em *Literatura Brasileira*
na Universidade de Brasília

PIRATA PERNA CURTA APRESENTA **CANTIGAS POPULARES**

